

Banqueiro vê condições para boa renegociação

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O bom desempenho da economia brasileira, principalmente na área externa, com o aumento das exportações, poderá levar o País a uma renegociação favorável de sua dívida externa, em bases iguais ou mesmo melhores do que as que forem obtidas pelo México, segundo o **chairman** do conglomerado financeiro American Express, James Robinson III. O México está pedindo a seus credores 15 anos, com sete de carência, para o pagamento da dívida.

Em rápida entrevista à imprensa, após um almoço no Ministério da Fazenda, ontem, James Robinson III disse que, ainda em função da melhoria na economia, o Brasil pode, na próxima renegociação, fazer acordos para obter os créditos necessários ao fechamento do seu balanço de pagamentos por um período de três ou mais anos. Isso alterará a sistemática dos últimos tempos, em que eram negociados os créditos para se fechar o balanço de apenas um ano.

Do almoço no Ministério da Fazenda participaram, entre outros, o ministro Ernane Galvêas, o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, e o diretor da área externa do BC, José Carlos Madeira Serrano, além do **chairman** do American Express International Banking Corporation, Edmond Safra, dono do banco Safra S.A., brasileiro.

James Robinson III discordou da renegociação conjunta da dívida, envolvendo várias nações, por entender que o débito de cada país é um problema específico, que, portanto, deve ser tratado individualmente.

SUPERÁVIT

Ele acha que o Brasil não deve ter maiores preocupações quando voltar, em breve, a renegociar sua dívida, pois a comunidade financeira internacional está vendo os bons resultados da economia e levará em conta esse fator na fase de discussão. James Robinson III citou como destaques na economia brasileira o bom superávit da balança comercial e o esforço de substituição das importações.

Robinson III disse que as taxas de juros internacionais estão alcançando o limite máximo e não há mais grande margem para crescimento. Acredita que a tendência é de que as taxas cresçam ainda um pouco, para, depois, caírem a níveis mais suportáveis.

O dirigente do American Express disse que o estabelecimento de taxas de juros fixos, como propôs anteontem o presidente da União de Bancos Suíços, Robert Holzach, depende dos entendimentos entre os credores e os devedores. Se for de interesse de ambas as partes, e se houver um acordo, não há nada que impeça a fixação de uma taxa, embora ele acredite que, no momento, esta medida é problemática, exatamente em função da variação do custo do dinheiro no mercado externo.



Arquivo

Galvêas vai estudar a proposta, para ver se é vantajosa